

2ª EDIÇÃO

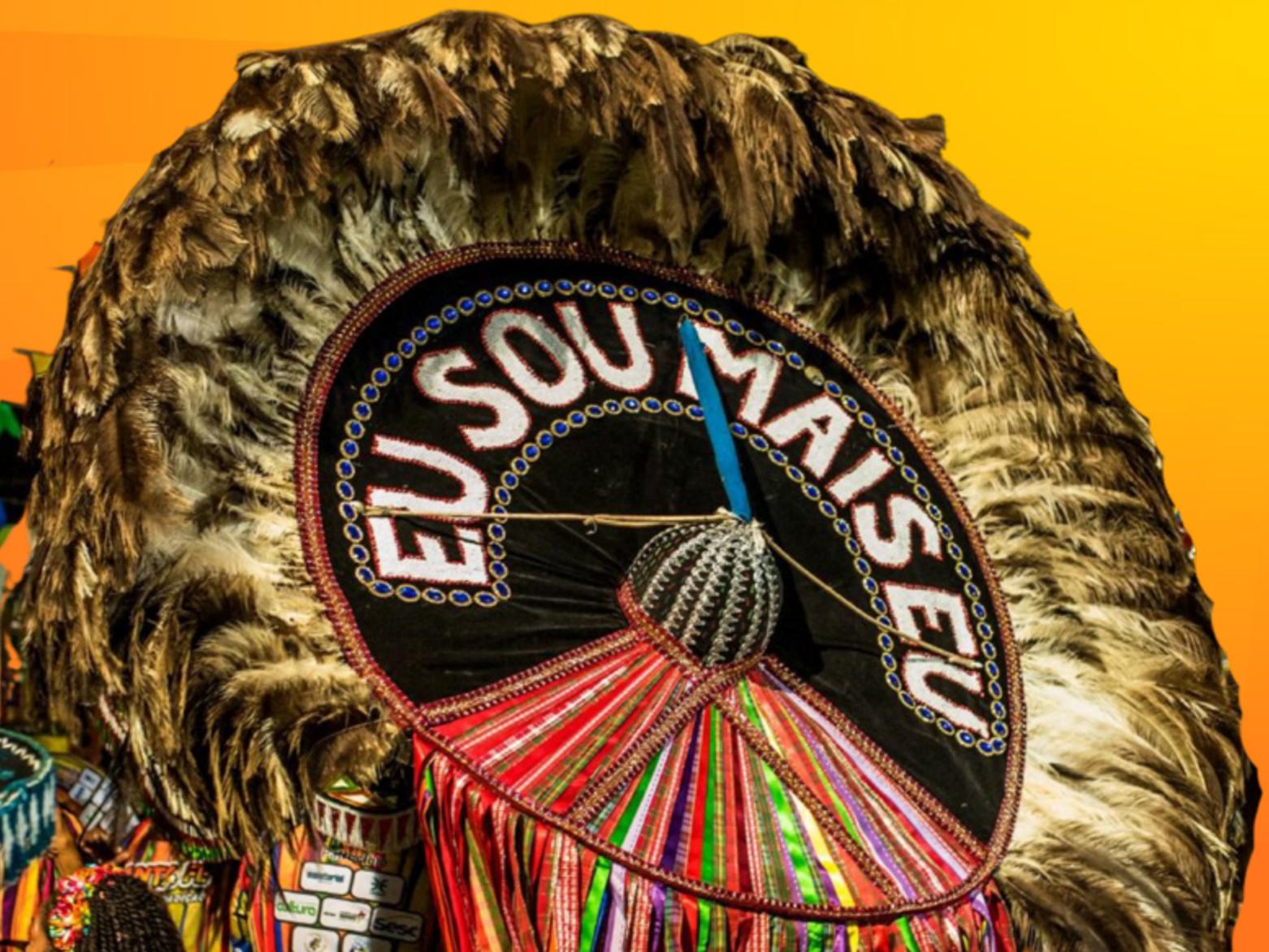
O SÃO JOÃO DO MARANHÃO

Tradições das festas juninas





**O SÃO JOÃO DO
MARANHÃO:
TRADIÇÕES DAS
FESTAS JUNINAS**





GOVERNADOR DO ESTADO DO MARANHÃO

Carlos Orleans Brandão Junior

VICE-GOVERNADOR DO ESTADO DO MARANHÃO

Felipe Costa Camarão

SECRETÁRIO DE ESTADO DO PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO

Vinicius Ferro Castro

PRESIDENTE DO INSTITUTO MARANHENSE DE ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS E CARTOGRÁFICOS

Dionatan Silva Carvalho

DIRETOR DE ESTUDOS E PESQUISAS

Rafael Thalysson Costa Silva

DIRETOR DE ESTUDOS AMBIENTAIS E GEOPROCESSAMENTO

José de Ribamar Carvalho dos Santos

DEPARTAMENTO DE ESTUDOS TERRITORIAIS

Vitor Raffael Oliveira de Carvalho

DEPARTAMENTO DE RECURSOS NATURAIS E ESTUDOS AMBIENTAIS

Ronald Bruno da Silva Pereira

DEPARTAMENTO DE ESTUDOS POPULACIONAIS E SOCIAIS

Marlana Portilho Rodrigues Santos

DEPARTAMENTO DE CONTAS REGIONAIS E FINANÇAS PÚBLICAS

Anderson Nunes Silva

DEPARTAMENTO DE ESTUDOS REGIONAIS E SETORIAIS

Raphael Bruno Bezerra

ELABORAÇÃO

Cléa Nathanny Fonseca dos Santos

Elison André Leal Pinheiro

Getúlio Estefânio Duarte Martins

Jéssica Suyane Sousa

José de Ribamar Carvalho dos Santos

Leonardo Vinicius Cruz Moraes

Luciano Aranha Andrade

Rafael Thalysson Costa Silva

Raphael Bruno Bezerra Silva

Raphaela Carvalho Pacheco

Talysson Benilson Gonçalves Bastos

MAPAS

Carlos Victor Louzeiro dos Santos

Elison André Leal Pinheiro

REVISÃO TÉCNICA

José de Ribamar Carvalho dos Santos

Rafael Thalysson Costa Silva

FOTOGRAFIAS

José de Ribamar Carvalho dos Santos

Acervo SECOM-MA

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

Mayara Moraes

REVISÃO DE LINGUAGEM

Geovanna Machado

NORMALIZAÇÃO

Ana Maria Pereira

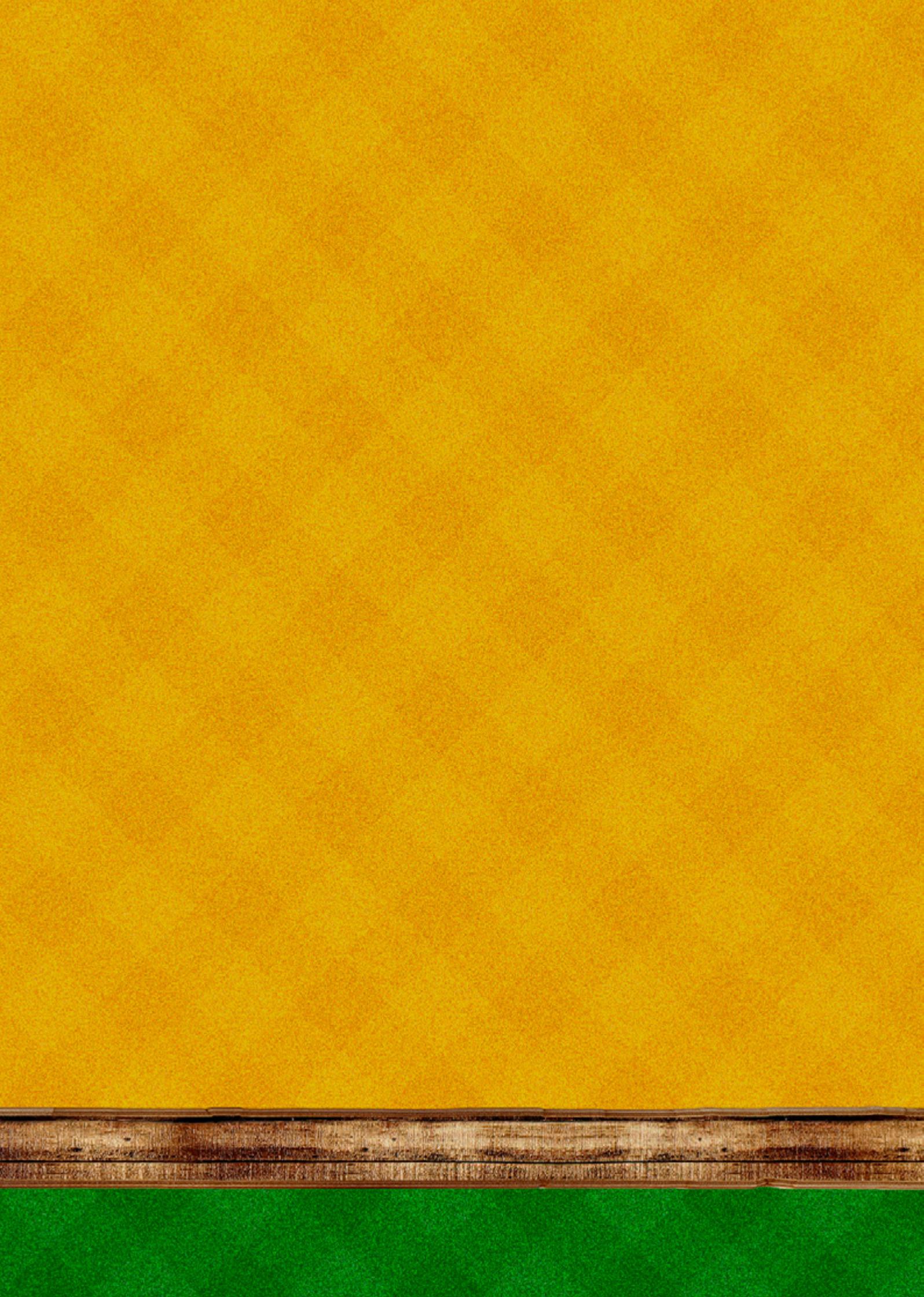
Kádila Moraes

CAPA/DIREÇÃO DE ARTE

Carlíane Sousa

LISTA DE SIGLAS

CEPRAMA	Centro de Comercialização de Produtos Artesanais do Maranhão
ICMS	Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços
IMESC	Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LABORARTE	Laboratório de Expressões Artísticas
MIP	Matriz Insumo-Produto
PIB	Produto Interno Bruto
SAMU	Serviço de Atendimento Móvel de Urgência
SECMA	Secretaria de Estado da Cultura
SECOM	Secretaria de Estado da Comunicação Social
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura





SUMÁRIO



1

INTRODUÇÃO pág.5

OS SANTOS DO PERÍODO JUNINO pág.6

- 2.1 Santo Antônio pág.9
- 2.2 São João pág.12
- 2.3 São Pedro pág.17
- 2.4 São Marçal pág.19



2



3

DANÇAS E BRINCADEIRAS APRESENTADAS NO SÃO JOÃO DO MARANHÃO pag.21

- 3.1 Bumba meu boi pág.22
- 3.2 Quadrilha pág.29
- 3.3 Tambor de crioula pág.30
- 3.4 Cacuriá pág.32
- 3.5 Dança portuguesa pág.35
- 3.6 Dança do coco pág.36
- 3.7 Dança do caroço pág.37
- 3.8 Dança do Lili pág.38
- 3.9 Dança do boiadeiro pág.39
- 3.10 Dança do Lelê pág.40
- 3.11 Dança cigana pág.42
- 3.12 Mistura de ritmos das companhias folclóricas do São João do Maranhão pág.43

PRINCIPAIS ARRAIAIS DO GOVERNO NO SÃO JOÃO DO MARANHÃO pág.44

- 4.1 Arraiais das Igrejas Santo Antônio e São João pág.46
- 4.2 São Pedro e São Marçal pág.47
- 4.3 Arraiais pág.49
- 4.4 O retorno dos investimentos no São João do Maranhão pág.50



4



5

CONSIDERAÇÕES FINAIS pág.54

REFERÊNCIAS pág.56





1 INTRODUÇÃO

As festividades juninas têm suas raízes nas homenagens aos deuses da natureza e da fertilidade, até mesmo antes do cristianismo, as quais eram marcadas por pedidos de fartura no período de colheita da safra de cereais, e também nas comemorações para o solstício de verão no hemisfério Norte (UFRB, 2024). Em Portugal, essas festividades ocorrem no mês de junho, quando se comemora São João. Dessa forma, é bem provável que o nome da festa ser junina está relacionado ao mês de junho e/ou a São João, recebendo também status de festa religiosa com comemorações em homenagens não só a São João, mas a Santo Antônio e a São Pedro.

No Brasil, as festas juninas foram introduzidas pelos portugueses no período colonial e ocorrem em diversas partes do país, com maior representatividade nos estados do Nordeste, com características peculiares em cada lugar devido às incorporações das influências africanas, indígenas, sertanejas e também europeias. A partir dessa diversidade, o Maranhão possui uma variedade de manifestações, como o bumba meu boi e os seus principais sotaques (baixada, costa-de-mão, matraca, orquestra e zabumba), quadrilhas, tambor de crioula, cacuriá, dança do coco, dança portuguesa, dança do caroço, dança da Lili, dança do Lelê, dança do boiadeiro, dança cigana e vários grupos folclóricos que misturam ritmos em apresentações

nos arraiais, além incluir como santo junino São Marçal.

As **brincadeiras**, como são chamados os grupos que executam as manifestações, são realizadas nos arraiais, que podem ocorrer tanto em grandes espaços como em ruas, praças e largos de igrejas nas quais tradicionalmente os grupos folclóricos se apresentam. Geralmente, encontram-se nos arraiais barracas de diversos produtos, principalmente relacionados à alimentação e ao artesanato.

A combinação de manifestações populares torna o São João no Maranhão um dos momentos de maior atratividade para o turismo, oportunidade na qual os investimentos públicos buscam estimular o setor cultural e contribuir para a geração de emprego e renda. A mensuração do impacto que os investimentos públicos nas festividades geram para a economia local são realizadas pelo Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos (IMESC), a exemplo dos estudos de movimentação econômica do São João do Maranhão de 2022 e 2023.

Neste estudo serão abordados os aspectos culturais das festividades juninas no Maranhão, bem como a religiosidade, as manifestações culturais, os arraiais e as questões econômicas desse período festivo no Estado, que pode ser considerado um dos principais do calendário maranhense.





2 OS SANTOS DO

PERÍODO JUNINO

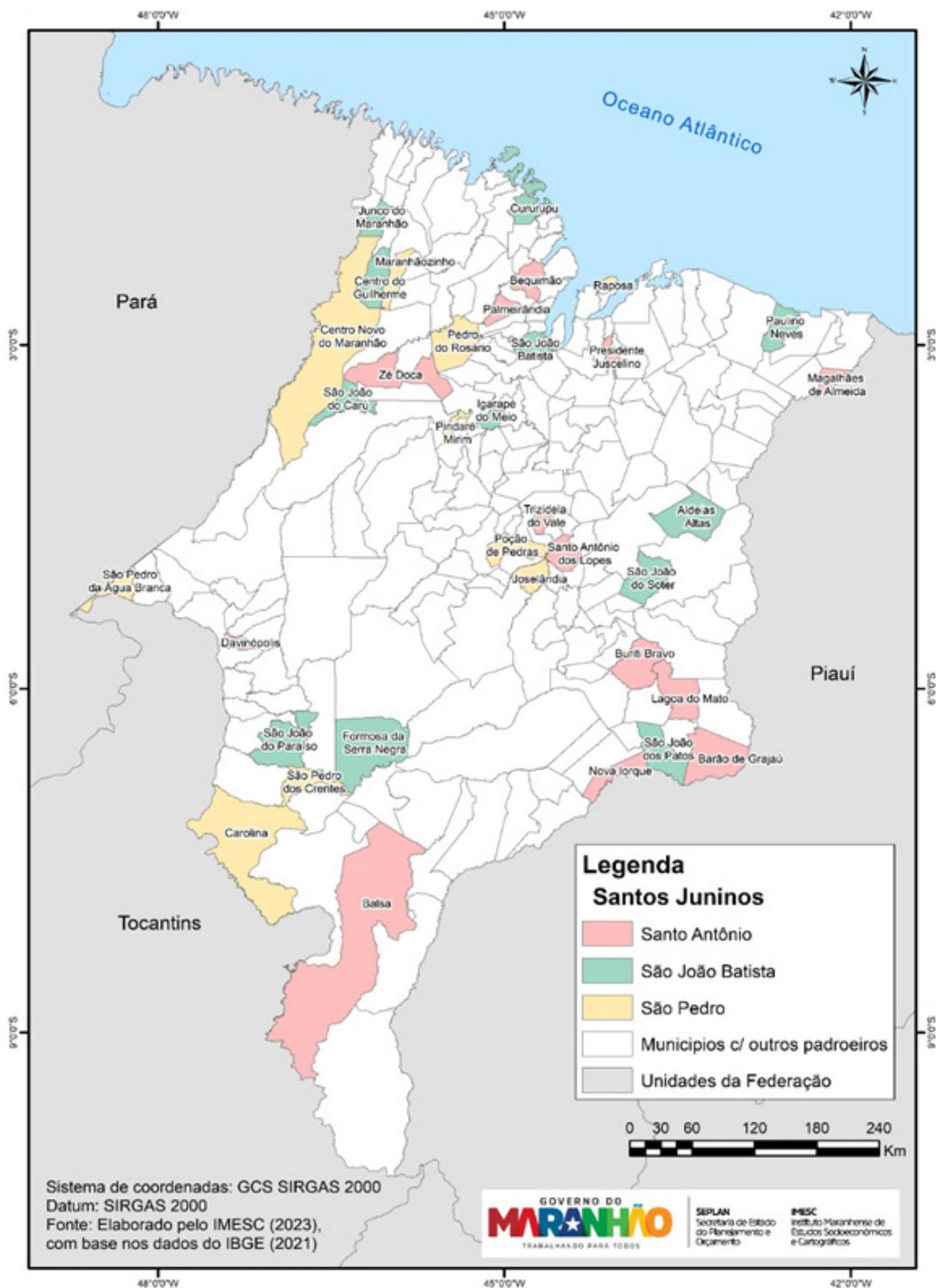
Mesmo iniciada de forma pagã no hemisfério Norte, ao chegarem nas terras que se tornariam a nação brasileira, os portugueses trouxeram consigo vários elementos da sua cultura, dentre os quais destaca-se a religião católica. Essa, tem como uma de suas práticas os festejos dos santos, que em determinados espaços geográficos do país deram origem a festas bastante significativas para os habitantes que ali foram se estabelecendo ao longo do tempo.

Entre as inúmeras festas religiosas que acontecem no Brasil, as juninas merecem grande destaque, ocorrem no mês de junho em homenagem aos santos católicos Antônio, João Batista e Pedro que em diversas regiões do país, especialmente na região Nordeste, possuem muitos devotos.

No Maranhão, dos 217 municípios (**Mapa 1**), 35 possuem como padroeiros esses santos, sendo: **Santo Antônio** de 13 municípios (Balsas, Barão de Grajaú, Bequimão, Buriti Bravo, Davinópolis, Lagoa do Mato, Magalhães de Almeida, Nova Iorque, Palmeirândia, Presidente Juscelino, Santo Antônio dos Lopes, Trizidela do Vale e Zé Doca); **São João Batista** de 12 municípios (Aldeias Altas, Centro do Guilherme, Cururupu, Formosa da Serra Negra, Igarapé do Meio, Junco do Maranhão, Paulino Neves, São João Batista, São João do Carú, São João do Paraíso, São João do Sóter e São João dos Patos) e **São Pedro** de 10 municípios (Carolina, Centro Novo do Maranhão, Joselândia, Maranhãozinho, Pedro do Rosário, Pindaré-Mirim, Poção de Pedras, Raposa, São Pedro da Água Branca e São Pedro dos Crentes).



Mapa 1 – Mapa dos municípios maranhenses com padroeiros festejados em junho





2.1 Santo Antônio

Santo Antônio, também conhecido como Santo Antônio de Lisboa e Santo Antônio de Pádua, nasceu no dia 15 de agosto de 1195, em Lisboa, Portugal, em um palácio residencial situado em frente à Catedral de Lisboa, possuía como nome de batismo Fernando de Bulhões y Taveira de Azevedo. Aos 15 anos de idade entrou para o convento de São Vicente de Fora, da Ordem dos Cônegos Regulares de Santo Agostinho, onde estudou teologia e filosofia, instalando-se mais tarde na confraria de Santo Antônio, quando passou a ser chamado de Antônio. Em 1220 tornou-se frade franciscano da Ordem Franciscana (REIS, 2003; S. ANTÔNIO [...], 2022).

De acordo com Rangel (2008), o santo era admirado pela sua oratória, que era entendida até por pessoas estrangeiras. É considerado o santo protetor dos varejistas, o padroeiro das povoações e dos soldados, e popularmente o santo casamenteiro, ou seja, é a ele que mulheres católicas que querem casar dirigem as suas orações. Seu dia no calendário litúrgico católico é 13 de junho, dia de sua morte.

A forte conexão do santo com a população católica do Maranhão se deu a partir de 5 de agosto de 1624, quando chegou em São Luís, na qualidade de custódio visitador e comissário do Santo Ofício, o Frei Cristóvão de Lisboa. Ele trouxe consigo outros 13 franciscanos e logo deu início a construção do Convento de Santo Antônio e da contígua igreja de Santa Margarida, posteriormente desaparecida. O convento, no entanto, se mantém no mesmo lugar até hoje.

O convento foi inaugurado em 1 de fevereiro de 1625 e o Frade Antônio da Trindade foi nomeado seu guardião. Dizem respeito ao Convento de Santo Antônio diversos episódios da história local e geral, sendo o primeiro deles a Revolta de Bequimão, cujas reuniões ali aconteciam, culminando com a concentração dos conjurados que de lá partiram, na noite de 23 de fevereiro de 1684 e depuseram o Capitão-Mor Baltasar Fernandes de Sá. Em muitas ocasiões os frades de Santo Antônio ofereceram o abrigo de seus claustros a pessoas ameaçadas, como aconteceu com os ouvidores Vicente Leite Ripado (1720) e João Francisco Leal (1792), atingidos pelo arbítrio de governadores coloniais.

SANTO ANTÔNIO





Em 1836, quando se deu a criação da atual Polícia Militar do Estado, com a denominação de Corpo de Polícia da Providência do Maranhão, serviu o Convento de Santo Antônio de seu primeiro quartel. Mas, logo se encontrou para o local ocupação mais condizente, o Seminário Episcopal de Santo Antônio, criado pelo Bispo D. Marcos Antônio de Sousa, e inaugurado em 17 de abril de 1838.

Em 1856, o convento entrou em declínio, de modo que não tinha nem frades tampouco recursos financeiros. Nesse mesmo ano veio do Pará, como guardião, o Frei Vicente de Jesus, responsável pela revitalização do convento e pelo início da construção da Igreja de Santo Antônio. Frei Vicente, acaba por falecer em 1862, não conseguindo ver a conclusão da igreja.

O novo guardião do convento, Frei Ricardo do Sepulcro, deu continuidade ao trabalho de seu antecessor. Conseguiu que a partir de 1864 o Governo da Província destinasse às obras uma subvenção anual e que o engenheiro Francisco César da Silva Amaral se encarregasse delas por determinação governamental.

A Igreja de Santo Antônio (**Figura 1**) foi aberta aos fiéis em 20 de janeiro de 1867. À direita de quem entra no templo estão, como prolongamento no sentido transversal, as Capelas do Bom Jesus dos Navegantes e do Senhor Bom Jesus da Coluna, ambas de construção anterior e cujas primitivas fachadas se incorporaram à parede da igreja (IBGE, [19--]).

Figura 1 – Igreja de Santo Antônio





2.2 São João

Em sua biografia, João aparece como oriundo da tribo de Judá, nascido em 24 de junho, filho de Zacarias, primo de Jesus Cristo. João – que em hebraico quer dizer **Deus é propício** – foi nomeado também como Batista, pois a ele foi concedida a graça divina de batizar o Cristo, filho de Deus, nas águas do rio Jordão. Ele é o batizador ou purificador. O seu pai era sacerdote da lei judaica e a sua mãe, Isabel, possuía descendência da Casa de Aarão.

Certo dia, quando Zacarias desempenhava suas funções enquanto sacerdote no templo, apareceu-lhe o anjo Gabriel anunciando que Isabel lhe daria um filho, embora ela fosse estéril. “Pôr-lhe-ás o nome de João, e ele será para ti alegria e regozijo e todos se alegrarão no seu nascimento, pois ele será grande na presença do Senhor”, disse-lhe o anjo (BIBLIA, Lc 1, 13-15).

De acordo com a tradição católica, Isabel, já grávida, vivia em uma região montanhosa e combinou com Maria de Nazaré que, ao dar à luz a João, iria acender uma fogueira como sinal de nascimento do seu filho: assim surge uma das hipóteses de que acender fogueiras é o pagamento da promessa inicial ao santo. Outra tradição referente a São João diz respeito aos foguetes e bombinhas, pois quando foi anunciado o seu nascimento ouviu-se um grande estrondo.

João Batista viveu no deserto por muitos anos, se alimentava de mel silvestre e de gafanhotos. Pregador de alta moral, áspero, intolerante e ascético. Por suas pregações incisivas foi mandado à corte de Herodes Antipas, tetrarca da Galiléia, preso na Fortaleza de Macheros e decapitado no castelo de Macheros, na Palestina, no dia 29 de agosto do ano de 31 (NASCIMENTO, [2022]).

Como grande parte das igrejas coloniais do Maranhão, a Igreja em homenagem a São João Batista está localizada no mesmo lugar de sua fundação, contudo, mostra os sinais de descaracterização, resultado das reformas parciais que sofreu ao longo dos séculos. Com a fachada no estilo neoclássico, a atual Igreja de São João foi construída na rua que leva o nome do santo, em 1665, pelo governador da Província, Ruy Vaz de Siqueira, português de São Vicente da Beira, que comandou o estado de 1662 a 1667. Os registros afirmam que esta seja uma reedificação da igreja que já existia na época da invasão holandesa ao Maranhão, em 1641, que ao ocuparem São Luís aquartelaram-se nas proximidades do templo.

SÃO JOÃO





A reconstrução feita vinte anos depois foi motivada pelos danos causados durante os combates entre holandeses e portugueses. A Igreja de São João Batista foi colocada sob proteção dos soldados que, em 1673, receberam a aprovação direta pelo rei Dom João V para oficializar o Compromisso pela Irmandade, por eles composta, para zelar pela Igreja e proteger a classe. Foi justamente por estar confiada à guarda de soldados, que tinham grande prestígio social na época, que a Igreja recebeu melhorias em 1862 pelo governador Inácio Coelho da Silva.

O templo passou por novas intervenções ao longo dos anos, sendo reedificado em 1812. Em 1867, o largo de mesmo nome, localizado à frente da igreja recebeu calçamento. Em decorrência disso fora retirado dali o chafariz da Companhia de Águas de São Luís. No século XX, especificamente no ano de 1934, foi reconstruído e recebeu sua última grande reforma. A fachada atual de estilo neoclássico da Igreja de São João possui dois pares de pilastras com capitel em estilo coríntio estilizado. Traz ali a inscrição “1665 – SANCTI JOANNIS BAPTISTA ECCLESIA”, como na construção original (IBGE, 2022).



IGREJA DE SÃO JOÃO



Em relatos de jornais encontrados é possível entender um pouco de como era o festejo-louvação no século XIX. A seguir o fragmento de uma convocação da Irmandade de São João Batista com o detalhamento da programação do festejo junino de 1891:

Irmandade de São João Batista.

Este programa será aprovado pela autoridade competente

De ordem da Mesa Administrativa desta irmandade, faço público que as festividades do Glorioso S. João Baptista terão lugar em sua Igreja, a 24 do corrente e contará dos seguintes actos:

No dia 23 haverá Missa rezada às 7 horas da manhã e pelas 7 ½ horas da noite ladainha e grande instrumental, instrução religiosa e benção do SS. Sacramento.

No dia 24 haverá missa rezada das 4 ½ às 7 ½ horas da manhã, e às 8 horas Missa solene com o SS. Sacramento exposto e sermão no Evangelho. Pelas 412 horas da tarde sahirá em solene procissão a Sagrada Imagem do Glorioso Precursor e dará o giro seguinte: rua do S. João, Sol, Nazareth, praça do Tiradentes, largo do Palacio, rua da Estrella, Sant'Anna, Formosa, Grande, largo do Quartel, rua do Sul e S. João. Ao recolher-se a procissão, será entoado solene Te Deum.

No dia 25 haverá Missas rezadas pela manhã e às 7 horas da noite ladainha a grande instrumental.

A mesa pede o comparecimento todos os irmãos e devotos, para maior brilhantismo.

Secretaria da Irmandade de S. João Batista em Maranhão, 18 de Junho de 1891³.

Festejos externos.

Dia 23 de Junho.

Os harmoniosos sons de uma banda de musica, inumeras girandolas de foguetes e o tocar alegre dos sinos despertarão a população desta cidade convidando a para os festejos do Glorioso S. João Baptista que terá começo nesse dia.

Das 6 horas da tarde às 9 ½ horas da noite a mesma banda de musica em seu coreto tocara escolhidas e variadas peças do seu repertorio.

Dia 24 de Junho.

Ao romper d'alva deste tão almejado dia os alegres sons dos sinos e varias girandolas de foguetes avisarão os seus devotos de tão milagroso Santo que devem consagrar esse dia em honra do divino Precursor.

Ao recolher-se a banda de musica chamará a attenção do publico que vai começar a venda das ofertas feitas ao bazar para esse fim preparado.

Às 10 horas da noite será queimado um bem preparado fogo de artificio.

Dia 25 de Junho.

Serão repetidos os festejos dos dias anteriores, e assim terminará a festa do corrente ano.

Secretaria da Irmandade de S. João em Maranhão, 20 de Junho de 1891⁴.

³Edição 205 (1891) do Jornal A Cruzada: Diario Político-Religioso, Litterario, Commercial e Noticioso do Maranhão (Disponível em: <https://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=710695&Pesq=Sant%e2%80%99Anna,%20Formosa&pagfis=678>).

⁴Edição 208 (1891) do Jornal A Cruzada: Diario Político-Religioso, Litterario, Commercial e Noticioso do Maranhão (Disponível em: <https://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=710695&Pesq=Sant%e2%80%99Anna,%20Formosa&pagfis=690>).

PROCISSÃO DE SÃO PEDRO

“
Por sua fé e sua coragem de se declarar por Jesus em público, é investido da missão de iniciar a Igreja e recebe as chaves do Reino. A partir desse momento Simão passa a ser chamado Pedro (Cefas ou Kefas em aramaico que significa pedra). ”





2.3 São Pedro

No que tange à origem de São Pedro, acredita-se que Simão, filho de Jonas, teria nascido no ano VI a. C. em Betsaida, à margem do lago Tiberíades ou mar da Galiléia. Pelo ano 12 teria se mudado para Cafarnaum, do outro lado da Galiléia. Simão era pescador, apesar de ser considerado um homem de temperamento impulsivo, era leal, expansivo e generoso. Sendo pescador, seu primeiro contato com Jesus ocorreu em uma praia, quando foi convidado para ser seu seguidor. Os evangelhos narram que Simão, Tiago e João abandonaram as redes, o barco, os familiares e seguiram a Jesus. Por sua fé e sua coragem de se declarar por Jesus em público, é investido da missão de iniciar a Igreja e recebe as chaves do Reino. A partir desse momento Simão passa a ser chamado Pedro (Cefas ou Kefas em aramaico que significa pedra) (S. PEDRO [...], 2022).

Ciente de sua missão, Pedro organiza as Igrejas de Jerusalém, Judéia e Samaria e recebe o centurião Cornélio, o primeiro pagão convertido. Constitui a Igreja de Roma e torna-se, segundo a Igreja

Católica, o primeiro Papa. Realiza várias viagens à Antioquia, Ponto Galácia, Capadócia, Bitínia e retorna a Roma. Atribuem-se a Pedro duas cartas para os cristãos da Ásia Menor, inseridas no Novo Testamento. Os cristãos são acusados por Nero de haverem incendiado Roma. Pedro é encarcerado e crucificado na colina do Vaticano, provavelmente no dia 29 de junho do ano 67.

O dia no calendário litúrgico da Igreja Católica Apostólica Romana que celebra São Pedro é o dia 29 de junho. Em São Luís, há muitos anos São Pedro é homenageado por pescadores do bairro da Madre de Deus, que organizam uma procissão marítima com destino à Igreja dos Remédios, contornando o centro da cidade.

Na madrugada do dia de São Pedro existe o tradicional encontro de todos os bois da ilha em frente à Capela de São Pedro, um dos momentos mais expressivos da festa (CMF, 1996). Nesse ensejo, também se reúnem vários devotos para o pagamento de promessas, e, dentre esses, muitos brincantes e grupos de bumba meu boi, especialmente os de sotaque de matraca.



An aerial photograph showing a massive crowd of people gathered in a residential neighborhood. The crowd is dense and fills the streets and open spaces between houses with orange-tiled roofs. In the foreground, there are several white tents and colorful umbrellas, suggesting a fair or festival. The overall scene is one of a large-scale community event.

A referida tradição iniciou-se pelos devotos do bairro como forma de agradecimento ao santo católico pelo sustento de cada dia. Além das ladainhas, novenas, procissões terrestres e marítimas, também organizaram um arraial por conta própria. Vale ressaltar que os primeiros grupos de bumba meu boi começaram a participar do festejo a partir de 1948, sendo o Bumba Meu Boi de Iguaíba o primeiro a referenciar o santo, seguido pelos grupos Fé em Deus, Maioba e Vila Passos. Atualmente, outros grupos folclóricos como as quadrilhas, dança do coco, dança portuguesa, cacuriá e bumba meu boi de diversos sotaques também realizam homenagens a São Pedro (CIDREIRA, 2001 *apud* REIS, 2003).



2.4 São Marçal

Conforme Fonseca (2020), São Marçal não é um santo oficial católico. Ele foi enviado de Roma para Limoges, território localizado na Gália (atual França), onde tornou-se o primeiro bispo local, e evangelizou a Aquitânia, região próxima a Limoges. Foi martirizado no século III com outros dois presbíteros de sua diocese.





Para Reis (2003), Em São Luís, a tradição da Festa a São Marçal teve início com o senhor José Pacífico Moraes, mais conhecido como Bicas, que assistiu a diversas apresentações de bumba meu boi no bairro do Anil, e impressionado, especialmente com os grupos Sítio de Apicum-Açu e São José das Laranjeiras, empolgou-se para trazê-los para dançar no bairro João Paulo.

Naquela época havia um riacho cuja nascente era onde hoje é localizado o clube Jaguarema e cortava todo aquele trecho até o clube do Lítero. Assim, tínhamos grandes dificuldades para transitar naquele trecho, além do preconceito que afastavam os grupos de bumba-meu-boi do centro da cidade, que só eram conhecidos nos bairros da periferia. Irmão de um dos comerciantes mais influentes do bairro, Bicas resolveu pedir ajuda a ele e outros empresários na tentativa de conseguir verba para que dois bois se apresentassem no João Paulo. Influenciados pela contagiante animação do Seu Bicas, os comerciantes apoiaram a ideia da vinda dos grupos e, no dia 30 de junho de 1928, os bumba-meu-boi do Sítio de apicum e São José dos Índios realizaram no largo de São Roque a primeira apresentação longe dos terreiros da periferia, justamente na data em homenagem a São Marçal (CUNHA, 2022).

Atualmente, a festa de São Marçal reúne dezenas de grupos folclóricos e milhares de pessoas que vão ao bairro João Paulo para participar da tradicional festa. Geralmente, os bumba meu boi de sotaque de matraca iniciam a concentração dos brincantes nas Avenidas Kenedy e Getúlio Vargas e em seguida adentram a Avenida São Marçal (denominada anteriormente de Avenida João Pessoa, alterada em junho de 2005), realizando o que se denomina popularmente de **arrastão de pessoas**. Os grupos **desfilam** até a praça São Marçal onde arma-se um palco para entoarem suas canções.

A man in a vibrant, colorful carnival costume with a large feathered headdress and a woman in a green and black costume in the background.

3 DANÇAS E BRINCADEIRAS

APRESENTADAS NO

SÃO JOÃO DO MARANHÃO



3.1 Bumba meu boi

Um dos primeiros registros do bumba meu boi no Maranhão, segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan, 2011) é de ocorrências policiais relativas a essa brincadeira em 28 de junho de 1828. Portanto, considera-se este o documento mais antigo que relata o bumba meu boi, ao mencionar a prisão de um soldado acusado de agressão a brincantes.

Há registros também antigos sobre o bumba meu boi com um tom desfavorável, em 1840, em Recife, feito pelo padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, no periódico **O Carapuceiro**, que descreveu a manifestação cultural como tola, estúpida e destituída de graça, frisando com desdém a participação do negro no divertimento (CARVALHO, 1995).

Segundo Prado (1977, p. 115 *apud* CARVALHO, 1995, p. 36): “Este folguedo causou, desde o início, dissabores, censurase proibição da ordem dominante, justamente por ser virulentamente provocado e atentar contra os bons costumes da sociedade”.

Outro registro data de 1850, em que **A Voz Paraense** define como o mais terrível folguedo dos escravos, que provocava baderna até mesmo com a participação de alguns brancos, atentando contra a moral e a segurança pública (CARVALHO, 1995).

No Maranhão, há registros de campanhas contra o bumba meu boi, que foi proibido pela polícia, por volta de 1861 a 1867, mas houve uma possível flexibilização em 1868, quando o cronista do **Semanário Maranhense** João Domingos Pereira do Sacramento “[...] saúda com entusiasmo a volta dessa antiga usança, em virtude de uma sábia resolução policial.” (CARVALHO, 1995, p. 37).

A interjeição **bumba** é equivalente a choque, batida, pancada, desse modo, a expressão **bumba meu boi** se refere a **bate meu boi**, **chifra meu boi**, **avante meu boi**, invocando o boi à reação e ao conseqüente movimento. O boi aparece em outros estados brasileiros, como o boi-bumbá no Amazonas e Pará, boi surubim no Ceará, boi de reis no Espírito Santo e reis do boi no Rio de Janeiro (CARVALHO, 1995).

É uma das manifestações de maior representatividade popular do Maranhão, com imenso histórico, passou de brincadeira de escravizados severamente perseguidos pela polícia para, em 2019, ser reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).



“

A interjeição **bumba** é equivalente a choque, batida, pancada, desse modo, a expressão **bumba meu boi** se refere a **bate meu boi**, **chifra meu boi**, **avante meu boi**, invocando o boi à reação e ao consequente movimento. ”



LAVA-BOI SÃO JOSÉ DE RIBAMAR



O bumba meu boi é uma manifestação artística e cultural que contempla o teatro, a dança e a música. Conta de forma irreverente e cômica a história de Catirina, que grávida, desejou comer a língua do boi favorito de seu amo, influenciando o seu marido, Pai Francisco, a matar o boi para a satisfação de seu desejo (CARDOSO, 2012).

Apresenta em sua narrativa o resumo de uma vida rural, que remonta aos tempos coloniais e o ciclo do gado no Nordeste brasileiro. Os personagens geralmente são Catirina, Pai Francisco, o amo, os vaqueiros, as índias, os caboclos de pena (real), os caboclos de fita, a burrinha e o boi em si, além de outras adições no elenco (SILVA FILHO; PONTES, 2021).

Dessa forma, se diferencia por constituir um complexo cultural que engloba uma variedade de estilos e por estabelecer uma relação intrínseca entre a fé, a festa e a arte, fundamentada na devoção aos santos juninos (principalmente São João, São Pedro e São Marçal), nas crenças em divindades de cultos de matriz africana e lendas regionais com origens indígenas.

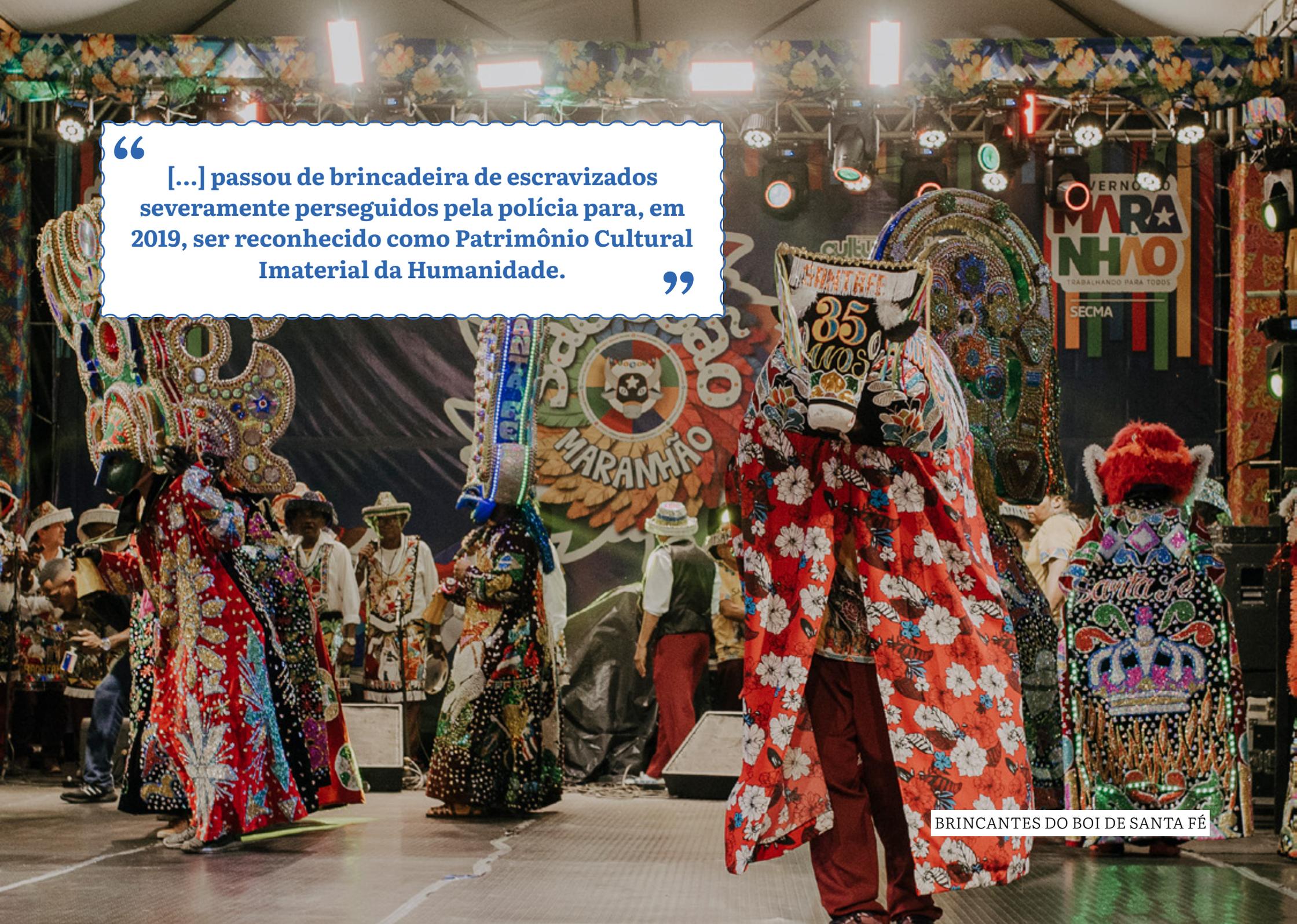
O ciclo festivo é organizado em quatro fases: os ensaios dos dançarinos ou brincantes, o batismo do boi, as apresentações e a morte do boi. É uma mistura de devoção, crenças, mitos, alegrias, cores, danças, músicas, teatros e artesanatos, além dos diversos estilos de brincar. Esses são chamados de sotaques e, em geral, dividem-se em cinco principais: **baixada**, **costa-de-mão**, **matraca**, **orquestra** e **zabumba**. Vale ressaltar que, além desses, existe uma pluralidade de outros sotaques, mas este estudo se aterá aos principais amplamente conhecidos.



“

[...] passou de brincadeira de escravizados severamente perseguidos pela polícia para, em 2019, ser reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade.

”



BRINCANTES DO BOI DE SANTA FÉ



O **sotaque da baixada**, também conhecido como sotaque de Pindaré, foi originado no Norte do estado, em municípios como São Bento, Cajari, Monção e Viana. Os principais instrumentos utilizados são matracas, maracás e pandeiros. Há um personagem nomeado Cazumbá que chama a atenção dos espectadores devido a criatividade do traje que possui formato animalesco.



Já o **sotaque costa-de-mão** é originário de Cururupu, Noroeste do estado, e se caracteriza pela forma como são tocados os pandeiros que ficam apoiados com tiras de tecido ao pescoço. Os tocadores utilizam a parte superior das mãos para produzir os sons. “Para seu Eliésio, do Boi Brilho da Sociedade [...] os escravos eram castigados nas mãos pelos seus senhores. Desse modo, por causa dos ferimentos que ficavam na região da palma das mãos, os negros, [...] passaram a tocar os pandeiros com as costas das mãos.” (CARDOSO, 2022).



O **sotaque de matraca** é proveniente da Ilha do Maranhão e os grupos geralmente possuem maior número de integrantes pela facilidade de acesso ao instrumento principal, dois pedaços retangulares de madeira que são batidos um contra o outro repetidas vezes, gerando o som.



Por sua vez, o **sotaque de orquestra** tem origem recente, entre as décadas de 1950 e 1960, nos municípios Rosário e Axixá. Destaca-se pelos instrumentos de sopro, como saxofone, trombone, trompete e pela base rítmica com bumbo, tambor-onça e banjo. É o sotaque que mais se expandiu nos últimos anos, e possui como principais grupos o Boi de Nina Rodrigues, o Boi de Axixá, o Boi de Morros, o Boi Brilho da Ilha e o Boi Novilho Branco.



O **sotaque de zabumba**, também chamado de Guimarães, devido à sua origem nesse município, distingue-se pela zabumba, que é tocada apoiada em varas de madeira, e pelo pandeirinho, tambor-de-fogo, tambor-onça, bem como apitos e maracás. O ritmo é um dos mais acelerados, o que o faz receber comparações com samba.



CAZUMBÁS



No **Mapa 2**, é possível observar o mapeamento das origens dos diversos sotaques e estilos, oriundos de regiões distintas do estado.

Mapa 2 – Origem dos sotaques de Bumba meu boi



Legenda

-  Sotaque da Baixada
-  Sotaque Costa de Mão
-  Sotaque de Matraca
-  Sotaque de Orquestra
-  Sotaque de Zabumba
-  Limites Municipais



SEPLAN
Secretaria de Estado
do Planejamento e
Orçamento

IMESC
Instituto Maranhense de
Estudos Socioeconômicos
e Cartográficos





3.2 Quadrilha

A quadrilha surgiu nas cortes francesas no século XVIII. No século XIX chegou ao Brasil com modificações e permanece em atividade nas festividades dos meses de junho e julho. As quadrilhas juninas, como são conhecidas no Brasil, se relacionam com o contexto do meio rural e são muito presentes no imaginário e no repertório das danças populares brasileiras. O vocábulo vem do francês **quadrille**, diminutivo da palavra inglesa **square**, ou seja, quadrado (SILVA, 2019).

Inicialmente, se organizavam com quatro pares em duas fileiras e 16 figurantes que, ao som da música, faziam uma evolução, seguindo sempre a orientação de um ordenador que ditava em francês alto e claro, todos os passos a serem realizados (ROCHA, 1995).

Apesar de ter sido uma dança dos meios aristocráticos, mais tarde a quadrilha cativou o povo e adquiriu um significado novo e mais popular, que se espalhou no meio rural como um festejo para agradecer a colheita e ainda homenagear os santos populares São João, Santo Antônio e São Pedro.



3.3 Tambor de crioula

O tambor de crioula é uma manifestação cultural afro-brasileira, representada por uma dança circular, canto e percussão de tambores que ocorre em grande parte dos municípios do Maranhão. É um referencial de identidade e resistência cultural dos negros maranhenses que compartilham um passado comum.

No meio do círculo, embora os movimentos corporais sejam mais livres e acentuados, sempre acompanham o ritmo marcado pelos instrumentistas. Participam as coreiras, tocadores e cantadores, conduzidos pelo ritmo incessante dos tambores e o influxo das toadas evocadas, culminando na punga (ou umbigada) – movimento coreográfico no qual as dançarinas, num gesto entendido como de saudação e convite, tocam o ventre umas das outras (IPHAN, 2007).

Seja ao ar livre, nas praças, no interior de terreiros ou associado a outros eventos e manifestações, é realizado sem local específico ou calendário pré-fixado e praticado, especialmente, em louvor a São Benedito, santo católico de pele negra e filho de escravos etíopes, que viveu na Itália no século XVII e foi trazido para a América como exemplo de obediência e representação dos santos negros (PACHECO, 2013; MAGALHÃES, 2014).

Outrossim são reverenciados o Divino Espírito Santo, a Nossa Senhora da Conceição, o Acóssi, o Preto Velho e outras entidades de diferentes filiações religiosas.

Destaca-se como uma das modalidades mais difundidas e ativas no cotidiano da capital e do interior do estado, uma vez que faz parte das atividades festivas, da sensibilidade musical e da definição de identidade cultural dos maranhenses. Em 2007, o tambor de crioula foi reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).



TAMBOR DE CRIOLA

CACURIÁ



3.4 Cacuriá

O cacuriá tem origem na festa do Divino Espírito Santo, quando após a derrubada do mastro, as caixeiras se reúnem para folgar, e fazem uma grande festa chamada **carimbó das caixeiras**. As apresentações são em pares, e com os instrumentos de percussão forma-se um círculo. Além disso, a dança utiliza uma coreografia muito rápida e geralmente é puxada por um líder que cantarola músicas e refrãos do folclore maranhense.

Em regra, no que diz respeito aos figurinos, as mulheres dançam com blusas curtas e saias compridas rodadas, sempre adornadas por flores e com indumentárias na cabeça. Já os homens costumam de usar colete sem nenhuma camisa por baixo, calças curtas e chapéus. Ambos dançam descalços.

De acordo com os descendentes de seus fundadores, foi criado sob encomenda por Dona Florinda e Seu Alauriano, em 1975, na cidade de Guimarães, e levado posteriormente para a capital, São Luís. Filoca e Lauro, como eram conhecidos, foram procurados por dona Zelinda Lima, na época secretária de cultura do Maranhão, que pediu para que fosse criado um novo ritmo cultural, já que no estado já existiam muitos grupos de Bumba Meu Boi e Quadrilhas (HARTMANN, 2010).



O cacuriá é frequentemente abordado em trabalhos e artigos, mas estudos nunca foram feitos a fim de descobrir a etimologia do termo. Rodrigues (2002) afirma que o criador dessa expressão nunca quis revelar a ninguém o seu significado. A maioria dos entendidos em cultura popular, assim como seus admiradores e participantes, relacionam o termo a uma ave. Isso talvez se deva ao fato da pronúncia da palavra que, sendo uma oxítone indicativa, possui uma sonoridade dançante e aberta, que lembra expressões ligadas à natureza.

De 1973 até 1986, o grupo da Vila Ivar Saldanha foi o único grupo de cacuriá de São Luís. Em 1986, surge o Cacuriá de Dona Teté, antiga caixeira de Seu Lauro e Dona Filomena. Delgado (2005) aponta que Almerice da Silva Santos (Teté) havia se afastado do grupo após problemas pessoais, iniciando assim, um novo capítulo na história dessa recente tradição ludovicense, que traria importantes transformações em sua performance, marcando definitivamente sua trajetória como um espaço de disputa e hegemonia, gerando um grande reconhecimento no país e servindo de referência para o gênero na atualidade.

O cacuriá é uma dança típica Maranhão e talvez tenha sido o último estilo musical criado em terras maranhenses no século XX. A dança é considerada Patrimônio Imaterial do Maranhão de acordo com o Decreto n.º 10.894, de 9 de julho de 2018. Os elementos da natureza fazem parte da maioria das músicas, as composições também brincam com as crenças do povo, brincadeiras antigas e demais anseios em forma popular.







3.5 Dança portuguesa

O surgimento dos primeiros grupos organizadores de dança portuguesa no Maranhão, ocorre depois de uma apresentação no período junino na escola Ateneu Teixeira Mendes, pela aluna **Liliane Leitão**. Ribeiro (2016) aponta que após a festividade na referida instituição de ensino, a família Leitão em uma conversa informal sobre folclore, teve a ideia de organizar um grupo de dança para reafirmar sua identidade nacional. Assim surge a ideia da criação da dança Portuguesa, a qual foi atribuída o nome **Uma Noite em Portugal**.

Naquela época não havia apresentações de nenhum grupo folclórico da cidade, e os que se apresentavam durante os festejos de São João vinham de fora quando eram contratados pelos clubes da cidade. Para Ribeiro (2016), na década de 1970, no primeiro ano de apresentações da Dança Portuguesa **Uma Noite em Portugal**, faziam parte do grupo somente familiares de portugueses, assim como alguns vizinhos e amigos que moravam no Monte Castelo (bairro próximo ao Centro da cidade). Após aquele ano, outras pessoas entraram no grupo.

A dança é conhecida por sua atuação alegre e divertida, carregada de crenças e costumes populares, apresentando passos marcantes e inconfundíveis. A dança portuguesa é uma das heranças dos colonizadores que conquistou o envolvimento das comunidades do Maranhão. Trajando roupas decoradas com bordados ricamente elaborados, as mulheres usam lenços e leques, enquanto os homens usam chapéus e bengalas. Os pares dançam ao som de fados e viras e um casal à frente comanda os passos.

Destaca-se que a dança portuguesa do Maranhão possui em torno de 209 grupos em todo o estado, sendo 88 na capital. Entre eles estão: **Uma Noite em Lisboa, Brilho de Portugal, Raízes de Portugal, Tradição de Portugal e Esplendor de Miranda**. De acordo com Ribeiro (2016), por meio da expansão dos festejos juninos e do surgimento dos arraiais organizados por influência dos poderes públicos, com a intenção de divulgar o folclore maranhense para os turistas, as danças foram ganhando espaço para as suas apresentações.





3.6 Dança do coco

O coco é um ritmo típico da região Nordeste do Brasil. Há controvérsias sobre o estado em que essa manifestação se originou, são citados Pernambuco, Paraíba e Alagoas. Para Reis (2003), essa dança é originária das rodas de quebradeiras de coco e é considerada uma das mais representativas manifestações do folclore local.

A coreografia não apresenta complexidade, pois é uma dança de roda cantada, dançada em pares com sapateados. Tem-se o acompanhamento de pandeiros, ganzás, cuícas e das palmas dos brincantes. Como adereços, os componentes da dança carregam pequenos cofos e machadinhas, imitando os instrumentos de trabalho nos babaçuais.

Ademais, Reis (1999) aponta que a dança traz participação indígena visível na parte coreográfica. Toda uma vasta área litorânea conhece a dança do coco, que apresenta inúmeras variações. É canto-dança típico das regiões do Agreste e Sertão e das antigas áreas de cana-de-açúcar.

O coco induz em suas origens uma chamada coletiva, uma espécie de mutirão, um convite à quebra do coco como atividade absorvente. Do canto de trabalho, passou-se ao baile propriamente dito, à espécie ainda hoje persistente (REIS, 1999).





3.7 Dança do caroço

A dança do caroço se concentra em Tutóia, município do litoral oriental maranhense. Não se sabe ao certo quem foram os primeiros a criar essa dança, todavia sabe-se que os negros e os indígenas Tremembé faziam parte dessa divertida manifestação.

Não existe um consenso sobre o surgimento do nome, pois sua origem gira em torno de duas hipóteses: a primeira advém da atividade da colheita do café, na qual era realizada uma festa em que os grãos eram pisoteados; a segunda hipótese, faz uma alusão a cabaça que é revestida por caroços (sementes) de plantas, que ajudam a produzir um som característico dessa brincadeira.

Conforme Reis (2003), é uma dança livre, sem formação rígida, executada por brincantes de qualquer idade. Quatro caixas (tambores), uma cuíca, uma cabaça envolta em sementes de ave maria e/ou pau-brasil formam a bateria de instrumentos do caroço, acompanhados por toadas improvisadas.

Com roupas simples e livres, os componentes dançam isolados e formam uma roda ou cordão, as mulheres trajavam-se com vestidos de corpo baixo, na cor branca, com gola redonda e mangas com quatro folhos pequenos do mesmo tecido da saia, que deve ser estampada, franzida e curta com três folhos. Sendo uma manifestação popular, mantém ligações com a religiosidade, como o Festejo do Divino e o Festejo de Nossa Senhora da Conceição (MARANHÃO, [2024]).



3.8 Dança do Lili

A Dança do Lili, é uma manifestação popular que estava ligada ao calendário litúrgico. Foi criada em 03 de maio de 1985 na zona rural de Caxias e originou-se a partir de brincadeiras da Semana Santa nos dias de quinta e sexta-feira, período considerado **santo** e no mês de maio em homenagem à Maria, mãe de Jesus de Nazaré (CORREIA, 2006).

É uma expressão popular resultante do sincretismo religioso, da redefinição dos elementos culturais formadores da identidade brasileira que desperta o interesse no que se refere à peculiaridade da vida no campo.

Para Sousa (2014), a comunidade aproveitava sempre a noite de lua cheia, para as atividades de diversão. O **Lili** era uma prática característica dos costumes do homem do campo, que integrava diversas brincadeiras como **cair no poço**, **casamento da viúva** e músicas de roda, entoadas por ritmos em versos duelados pelos brincantes, de forma simples (SOUSA, 2014).

A partir de 2000, a Dança do Lili ganhou mais visibilidade, passando a ser apresentada em vários locais. Passou por uma modernização com ritmos e inclusão de instrumentos musicais como sanfona, bandolim, pandeiro, violino, saxofone e trombone. As demonstrações são feitas por meio de coreografias ensaiadas que se repetem nas apresentações, visto que algumas foram transplantadas de tradição e outras foram criadas. A Dança do Lili resistiu ao tempo tornando-se um dos maiores símbolos da cultura caxiense (SOUSA, 2014).



3.9 Dança do boiadeiro

A dança do boiadeiro acontece em pares e possui como inspiração o homem do campo e o peão das vaquejadas. Grupos com muitos casais apresentam-se com movimentações sincronizadas, embaladas por um repertório composto de música sertaneja brasileira e anglófona.





3.10 Dança do Lelê

A Dança do Lelê é uma dança folclórica brasileira que remonta ao século XIX. Trata-se de uma dança de salão, profana, mas que ainda assim costuma ser dançada em honra a determinados santos ao longo do ano, no período de junho a dezembro. Reis (2003) afirma que a dança é de origem francesa, bailada por negros e velhos. Ela é uma espécie de quadrilha do sertão, uma vez que os passos são bem mais difíceis que o bailado convencional.

A dança é tradicional da Região do Munim, presente nos municípios Rosário (no povoado de São Simão), onde é considerado patrimônio cultural da cidade, e em Axixá. Teve como fundador do Lelê de São Simão o mestre Laurentino Sacramento, conhecido como **Seu Louro**, que por intermédio das suas músicas relatava o dia a dia da sua gente.

O Lelê também é chamado de Péla Porco ou Péla, associada a um antigo costume de pessoas que se reuniam para matar galinhas e pelar porcos, garantindo o alimento do dia posterior à festa. Essa dança é executada em pares dispostos em filas de homens e mulheres, liderados pelos cabeceiras ou mandantes, havendo o de cima e o de baixo.

No Lelê os cantos podem ser improvisados, seguem de acordo com a dança e são divididos em quatro partes: o chorado, a dança-grande, a talavera e o cajueiro. A primeira é uma espécie de convite em que os participantes, cantores e tocadores se apresentam, saúdam uns aos outros e formam os cordões. Em seguida, é iniciada a dança-grande, a mais longa da festa, na qual os brincantes apresentam coreografias diversificadas (REIS, 1999).

Ainda de acordo com Reis (1999), a tavalera antecede o cajueiro e são danças da madrugada, apresentadas somente no final da festa. A tavalera tem como característica passos em que os participantes dançam sempre de braços dados. O cajueiro, por sua vez, é a última parte da dança, praticada até o amanhecer. Nessa parte, os dançantes saúdam o dono da casa, os músicos e as pessoas presentes, fazem evoluções conhecidas como juntar castanhas e entregar o caju.

“

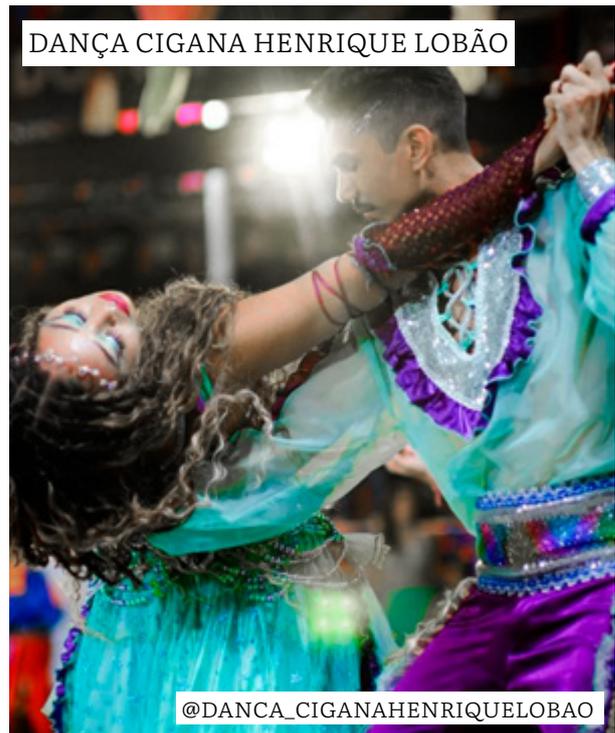
A dança é tradicional da Região do Munim, presente nos municípios Rosário (no povoado de São Simão), onde é considerado patrimônio cultural da cidade, e em Axixá.

”



3.11 Dança cigana

Os primeiros ciganos que desembarcaram no Brasil foram oriundos de Portugal, contudo, não vieram voluntariamente, pois foram expulsos do país. Conforme Teixeira (2008), a deportação de ciganos portugueses para o Brasil começou a partir de 1686. Dois documentos portugueses daquele ano informam que os ciganos deviam ser degredados também para o Maranhão, já que antes eram levados somente para as colônias africanas.



A escolha da Coroa pela capitania do Maranhão visava pelo menos a dois objetivos. Primeiro, colocar os ciganos afastados das áreas brasileiras de mineração e de agricultura, assim como longe dos principais portos da colônia Rio de Janeiro e Salvador. Segundo, esperava-se que os ciganos ajudassem a ocupar extensas áreas dos sertões nordestinos, até então ocupadas por indígenas. Ainda que considerados perigosos, preferiam-se os ciganos aos nativos (TEIXEIRA, 2008).

O município Arari é conhecido por organizar danças que enaltecem as tradições ciganas por meio da Dança Cigana Gypsy que foi criada por um grupo de pessoas com a iniciativa de levar para as festividades juninas a tradição do município em destacar a cultura cigana.



3.12 Mistura de ritmos das companhias folclóricas do São João do Maranhão

Além das danças e brincadeiras populares tradicionais, que resgatam a cultura local, o São João do Maranhão também contempla grupos chamados de companhias folclóricas cujas apresentações são misturas de vários ritmos, esses grupos são compostos por dançarinos, cantores e músicos.



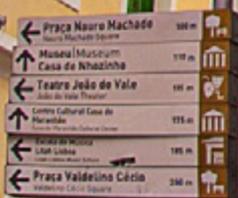
BOIZINHO BARRICA



4 PRINCIPAIS ARRAIAIS

DO GOVERNO NO

SÃO JOÃO DO MARANHÃO





O Maranhão, em respeito ao que está previsto pelo Plano Estadual da Cultura (2015-2025), visa a consolidação do campo cultural e parte da prerrogativa de seu papel enquanto mediador das necessidades e propostas feitas pela Sociedade Civil, fez uso do Eixo I: Gestão Pública da Cultura, previsto no Sistema de Eixos Estruturantes da Cultura (MARANHÃO, 2014), por intermédio do Edital de Credenciamento n.º 001/2022 da Secretaria de Estado da Cultura (SECMA), com objetivo de credenciar grupos e artistas consagrados pela crítica especializada ou pela opinião pública, para compor a programação do São João do Maranhão e demais eventos realizados ou apoiados pela Secretaria de Estado da Cultura no exercício de 2022, a fim de promover apresentações de shows e grupos culturais na forma da Constituição Federal de 1988, Lei Federal n.º 8.666, de 21 de junho de 1993 e demais normas regulamentares pertinentes à espécie.

O reconhecimento do campo cultural como uma área estratégica de desenvolvimento para o Estado e para a Sociedade Civil exige dos atores culturais a efetivação de uma série de providências necessárias para tornar a gestão pública da cultura mais visível na política de Estado nessa dimensão. Dessa forma, cabe destacar o papel do Estado como articulador entre a mobilização e integração da Sociedade Civil e do mercado para que haja o fortalecimento do ambiente cultural, uma vez que estabelece uma visão planejada e pautada em metas e resultados, observando a transversalidade da cultura em esferas distintas, principalmente a da construção e do fortalecimento dos vínculos indenitários do território maranhense, bem como a sua visibilidade em âmbito nacional e internacional.

Nesse sentido, o São João do Maranhão nos anos de 2022 e 2023, diferenciou-se por arraiais nos espaços públicos e privados, alguns em locais historicamente consagrados como o Centro de Comercialização de Produtos Artesanais do Maranhão (CEPRAMA), IPEM e Vila Palmeira, assim como em locais que receberam pela primeira vez, como o Espaço Reserva do Shopping da Ilha e a Praça da Fé. Importante destacar que o Arraial do Largo da Igreja de Santo Antônio e da Igreja de São João, o encontro de bois na Capela São Pedro (evento) e a Festa de São Marçal (evento) são locais que já se tornaram tradição.



4.1 Arraiais de Santo Antônio e São João

As Igrejas de Santo Antônio e de São João são localizadas em ruas históricas da cidade e realizam os arraiais em seus largos. O Arraial da Igreja de São João ocorre durante dez dias com atrações culturais ao final das missas. No dia do santo, além da apresentação de vários grupos culturais no largo, em sua maioria grupos vinculados à igreja, há também vendas de produtos alimentícios.

No largo da Igreja de Santo Antônio, acontecem duas festas. Nos treze primeiros dias, ocorre o festejo em homenagem ao santo, que é de responsabilidade da Igreja. Nos demais dias, a festança fica por conta do Laboratório de Expressões Artísticas (LABORARTE), o qual organiza o arraial, com intensa programação de **brincadeiras**, em sua maioria, do interior do estado.

As barracas de comidas e bebidas são, geralmente, de moradores do Centro que aproveitam o arraial para obter renda extra. Observou-se também beneficiários do Programa Mais Renda com seus **carrinhos**, que, segundo relatos, são de fácil deslocamento, o que permite trabalhar em outros arraiais da cidade, e ampliar as vendas de acordo com a programação mais atraente ao público.



ARRAIAL SANTO ANTONIO



4.2 São Pedro e São Marçal

Dos eventos relacionados aos santos do mês que já se tornaram parte do calendário das festas juninas, tem-se como principais o encontro de bois na Capela de São Pedro e o festejo de São João, assim considerados, principalmente, devido à quantidade de brincantes presentes em ambos os momentos.

Amanhecer na Capela de São Pedro na véspera do dia do 29, segundo o pesquisador Herbert de Jesus Santos, teve origem em 1939, no Desterro. No ano seguinte ocorreu no bairro Madre Deus, inicialmente por bois de zabumba. Atualmente, uma multidão e grupos de bumba-boi dos mais diversos sotaques participam desse momento tradicional da festa junina do Maranhão.

As ruas em torno da capela ficam lotadas de brincantes, turistas, devotos e apreciadores da cultura do estado. A rua São Pantaleão recebe um grande fluxo de pessoas, pois faz parte da tradição da maioria das **brincadeiras** passarem primeiro pela Casa de Minas e depois seguirem para a capela. Logo, a rua fica tomada pelo comércio e a frente das casas e calçadas ocupadas pelos mais diversos produtos. A mesma coisa acontece com a Av. Senador Vitorino Freire, onde o comércio de bebida e comida se mistura aos carros e às pessoas.



LARGO DE SÃO PEDRO



São Marçal (**Figura 2**) é comemorado no dia 30 de junho, um evento que se tornou tradição nas ruas do bairro João Paulo, sobretudo, na avenida que recebe o nome do santo. Os diversos grupos de bumba meu boi, sotaque de matraca, se encontram para apresentações por toda a avenida, arrastando uma multidão que se concentra desde o início da manhã no local.

Figura 2 – Festa de São Marçal no bairro João Paulo



Em 2023, a festa comemorou 96 anos. Devido à grande quantidade de participantes, o Exército Brasileiro, que possui o 24º batalhão na avenida, disponibiliza espaços para instalação de postos de saúde, bombeiros, Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) e brigadistas, além do tradicional caldo de feijão distribuído para os **brincantes**. A festa em sua tradição é oriunda de grupos espontâneos e desde 2015 conta com o apoio do Estado, que oferece palco, som e segurança nos encontros.

Os vendedores são distribuídos por toda extensão da Avenida São Marçal, desde o seu início, na rotatória que faz convergência com as avenidas Kennedy e Getúlio Vargas, até nas imediações do Colégio São Vicente de Paulo. Também são encontrados vendedores nas ruas paralelas e transversais à Avenida São Marçal, assim como na Praça Duque de Caxias.



4.3 Arraiais

Os arraiais são os locais onde as **brincadeiras** se apresentam. Geralmente, ocorrem em ruas, praças e largos de igrejas. Dependendo do porte, podem contar com palco e presença de barracas que vendem diversos produtos, cujos principais são alimentação e artesanato. Os mais tradicionais de São Luís são os que ocorrem no CEPRAMA, IPEM e Vila Palmeira.

O **arraial do CEPRAMA** funciona na área externa do casarão histórico, de aproximadamente 3 mil m², que comportou as antigas instalações da Companhia de Fiação e Tecelagem de Cânhamo. Localizado no tradicional bairro da Madre de Deus, chamado de berço da cultura de São Luís, é um dos arraiais mais antigos de São Luís e um dos primeiros a receber programações.

O **arraial do IPEM** ocorre em uma área de 325 mil m², localizada na orla da capital maranhense, que abriga o Centro Social dos Servidores Públicos do Estado do Maranhão (antigo IPEM), o qual possui uma estrutura completa voltada para o lazer dos servidores do Estado. No período de São João recebe grande estrutura de palco, restaurantes, bares, *food trucks*, entre outros, transformando-se em um dos arraiais com maior público e extensa programação de São Luís.





Outro arraial tradicional que não fica na área do Centro Histórico ocorre no **Parque da Vila Palmeira**. Com aproximadamente 40 mil m², o parque foi reestruturado em 2022 com quadra poliesportiva, campo de futebol, pista de caminhada, lago artificial e muitos outros espaços. Ainda, no mês de junho a grande atração é o arraial montado no parque, que atrai muitos visitantes moradores dos bairros limítrofes.

4.4 O retorno dos investimentos no São João do Maranhão

O São João do Maranhão pode ser considerado a festa popular que mais movimentada a economia estadual. Isso ocorre tanto pela variedade de danças e brincadeiras presentes em todo o estado como pela sua duração do período. Os incentivos governamentais contribuem significativamente na difusão das festividades juninas, o que possibilita a inclusão econômica da cultura e o impulsionamento do setor criativo.

Apesar da complexidade em quantificar os impactos de uma festa cultural como o São João, os indicadores de movimentação econômica podem evidenciar o potencial de vários setores, além do criativo, na geração de emprego e renda. Dessa maneira, com objetivo de mensurar o impacto do investimento público no São João do Maranhão, o IMESC realiza o estudo de movimentação econômica do período. Para isso, são feitas pesquisas de campo com os estabelecimentos do circuito oficial, inclusive prévias e de bairro, da Grande Ilha do Maranhão. O recorte da pesquisa envolve uma amostra de empreendedores formais e informais dos beneficiários do programa Mais Renda do Governo do Estado. Para estimar o valor movimentado em todo o estado e em todas as atividades, utiliza-se a Matriz Insumo-Produto (MIP), pela qual se obtém o efeito multiplicador de produção gerado pelo investimento público.

Importante destacar que, nos anos de 2020 e 2021, os festejos juninos foram interrompidos em razão da pandemia da COVID-19, o que gerou impactos negativos consideráveis para a economia local. Segundo estimativa da SECMA, o estado deixou de movimentar cerca de R\$ 76 milhões em 2020. Em relação ao Nordeste, o Ministério do Turismo estimou prejuízo de aproximadamente R\$ 950 milhões como consequência do cancelamento das festividades de São João em 2021.

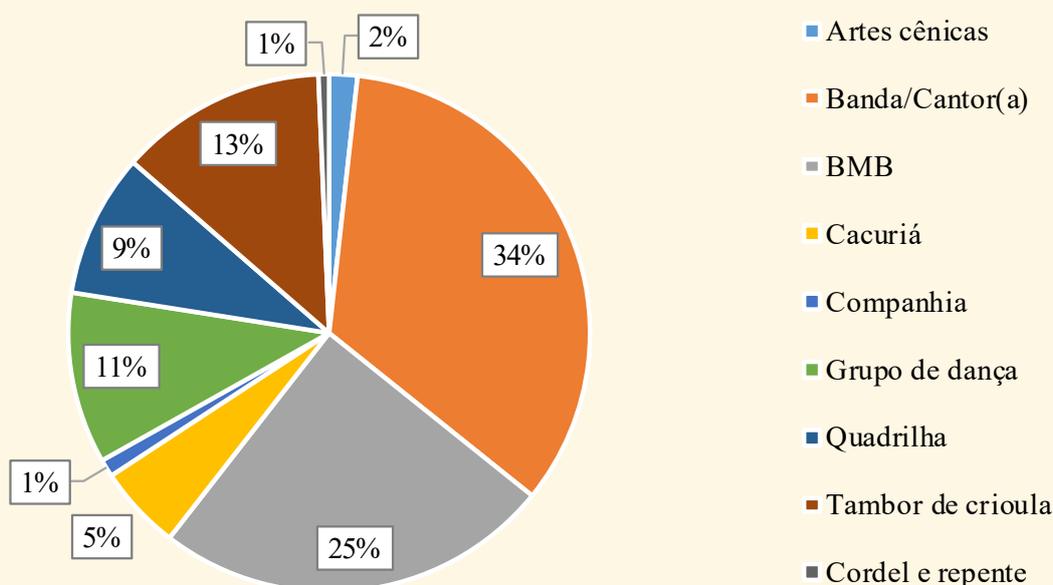


Em 2022, mediante o avanço da imunização e consequente controle da pandemia, o Governo do Maranhão anunciou o retorno do São João do Maranhão, com a duração de dois meses de festa, tornando-o **O maior São João do Brasil** haja vista o tempo do evento. Com mais de R\$ 25 milhões investidos, os festejos juninos movimentaram aproximadamente R\$ 124 milhões em 2022.

Em 2023, novos investimentos foram realizados para a viabilização do evento **O Maior São João do Mundo**, dessa vez com a programação estendida para três meses de duração. O investimento de mais de R\$ 44 milhões do Governo no São João do Maranhão 2023 resultou em um impacto de R\$ 254,9 milhões na economia. Somente no circuito oficial da Grande Ilha, contabilizou-se um montante de R\$ 26,5 milhões em consumo, sendo cerca de R\$ 1,4 mi do total movimentado pelos beneficiários do programa Mais Renda. A arrecadação de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços (ICMS) das atividades ligadas ao São João³ cresceu 3,6% no acumulado de maio a julho desse ano em comparação a 2022.

Na Grande Ilha, contabilizou-se 458 grupos culturais de nove categorias contratados (**Gráfico 1**). A maior parte das atrações correspondeu à categoria **banda/cantor** (34%), seguidos por **bumba meu boi** (25%), **tambor de crioula** (13%) e **grupos de dança** (11%). De acordo com a SECMA, foi totalizado uma média de 2.800 apresentações.

Gráfico 1 – Distribuição das brincadeiras por tipo



Fonte: Elaboração própria conforme dados da SECMA.

³ Atividades relacionadas ao período: Indústrias de transformação; Construção; Comércio; Reparação de veículos automotores e motocicletas; Transporte, Armazenagem e correio; Alojamento e alimentação; Atividades profissionais, científicas e técnicas; Atividades administrativas e serviços complementares; Arte, cultura, esporte e recreação; outras atividades de serviços.



Estimou-se um total de 4.346 pessoas ocupadas nos grupos culturais contratados, esse total foi relacionado às pessoas que possuíam remuneração (diferentemente dos brincantes, que participam voluntariamente). Referente aos negócios formais e informais distribuídos nos eventos do circuito oficial, calculou-se 6.014 pessoas ocupadas, sendo 198 desse total relacionadas ao programa Mais Renda.

Destaca-se também os dados positivos do setor turístico: em São Luís, contabilizou-se 77.330 desembarques no mês de junho, uma alta de 39% em relação ao ano anterior e a maior quantidade registrada para o período desde 2013. Já a ocupação hoteleira atingiu a taxa de 81% em junho, crescimento de 18% em comparação com o ano anterior (BATISTA, 2023). De acordo com o Observatório do Turismo do Maranhão, 94% dos turistas pretendem retornar e 91% avaliaram como excelente ou bom a programação do evento.

Dando seguimento à agenda municipalista, o Governo descentralizou os eventos juninos para além da Grande Ilha. Cerca de 72% dos municípios maranhenses foram apoiados direta ou indiretamente pelo Estado para a realização de festejos juninos, de modo que o São João do Maranhão 2023 pôde alcançar grande parcela da população do estado.





Entre os principais fatores que ajudam a explicar o sucesso do São João desse ano, pode-se citar: a) a duração de três meses do período junino; b) a expansão dos investimentos para mais de dois terços dos municípios; c) a divulgação do São João do Maranhão 2023 em outros estados (GOVERNO [...], 2023); d) a demanda reprimida pelas festas juninas, considerando que em 2022, mesmo com o controle da pandemia de COVID-19, uma parcela da população ainda não havia retornado totalmente às atividades presenciais.

A movimentação econômica do São João do Maranhão 2023 reforça a importância das festas juninas para a economia do estado. Em todo o país, a estimativa de movimentação econômica das festas juninas foi de cerca de R\$ 6 bilhões, de acordo com o Ministério do Turismo, mobilizando mais de 26,2 milhões de pessoas (MACIEL, 2023). A cada ano que passa, a economia da cultura se consolida como uma força matriz no desenvolvimento econômico, como mostrou o estudo do Itaú Cultural, que menciona que o Produto Interno Bruto (PIB) da cultura e indústrias criativas supera o do setor automotivo (OBSERVATÓRIO ITAÚ CULTURAL, 2023). Nesse sentido, a continuidade dos investimentos públicos no São João, bem como em outros eventos culturais, se mostra assertiva, haja vista os empregos e a renda gerados no período.





5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O perfil cultural do Maranhão é diversificado e possui uma longa história, envolve atores que tecem relações dinâmicas, contraditórias e conciliatórias. Portanto, a própria cosmovisão do maranhense é confrontada com esse rico passado com raízes africanas, indígenas e europeias, sendo resultado das manifestações culturais hoje e a marca da identidade territorial do estado.

Nesse sentido, os festejos do período junino estabelecem, pelo seu caráter agregador, um momento de união e reconhecimento da coletividade, emoções e sensações vividas em conjunto, ações essenciais para a definição e valorização das raízes regionais, e são também responsáveis pelo envolvimento dos indivíduos e da valorização da cultura local.

Para isso, faz-se necessário envolver os agentes sociais em seus próprios contextos culturais específicos, justificando-se a necessidade de intervenção do poder público incentivando, valorizando e investindo no patrimônio cultural. Como resultado, essa movimentação promove a completude de atos de governança, amplia a capacidade de coesão territorial e constrói uma correlação entre desenvolvimento, interesses sociais locais e ganhos políticos.



Isso pode ser exemplificado por um processo de investimento em infraestrutura na produção de um determinado espaço que, a partir do período de festas, cria uma dimensão diferente. Tal dimensão se dá pelo acionamento do uso de elementos próprios do período junino, como as bandeirinhas, as barracas de palha, os palcos espalhados pela cidade, as propagandas nas mais variadas mídias e os grupos das diversas brincadeiras, o que estimula os ensaios, as confecções das indumentárias e que traz todo o sentimento de regularidade própria do período.

À vista disso, o Governo do Estado, cumprindo a missão legitimada pelo pacto federativo e, também, prevista no Plano Estadual da Cultura, entende a questão cultural como uma estratégia de desenvolvimento socioeconômico. Dessa forma, o Estado tem assegurado os investimentos necessários à cultura, incentivando, promovendo e fortalecendo as manifestações culturais, cujo retorno tem gerado ganhos satisfatórios na economia por meio da geração de ocupação e renda, do fluxo de turistas e do incremento na arrecadação.

Para o atendimento dessa crescente demanda ligada ao setor, o IMESC tem produzido estudos relacionados ao arranjo produtivo da cultura, a exemplo da economia criativa. Além disso, tem atuado como órgão chave no desenvolvimento e implementação de mecanismos de avaliação dos investimentos em ações culturais do Estado, sobretudo, no Carnaval, São João e exposição temáticas. Os estudos servem para subsidiar o poder público em suas diversas esferas, de modo que possa haver o aprimoramento da tomada de decisões relacionadas à cultura, principalmente em relação ao investimento.

Por fim, o investimento público na cultura não deve ser visto somente pelo aspecto do retorno econômico, mas também do social, uma vez que os grupos culturais não objetivam o lucro. Desse modo, tanto o fomento do poder público como da iniciativa privada é essencial para que as manifestações culturais continuem a ocorrer e, conseqüentemente, para que haja a manutenção da tradição e da cultura popular.



REFERÊNCIAS

BATISTA, G. **Maranhão registrou o maior número de desembarques durante o mês de junho desde 2013**. São Luís: SETUR, 2023. Disponível em: <https://turismo.ma.gov.br/noticias/maranhao-registrou-o-maior-numero-de-desembarques-durante-o-mes-de-junho-desde-2013>. Acesso em: 6 jun. 2022.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Traduzida por João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

CARDOSO, L. C. M. De marginal a oficial: a fabricação do Bumba-meu-boi como símbolo de identidade do Estado do Maranhão. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, [s. l.], v. 10, n. 19, p. 27-43, 2012. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/18843>. Acesso em: 15 jul. 2022.

CARDOSO, R. Bumba meu boi de costa de mão: história, grupos e tradição no Maranhão. **G1**, São Luís, jun. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/sao-joao/2022/noticia/2022/06/05/bumba-meu-boi-de-costa-de-mao-historia-grupos-e-tradicao-no-maranhao.ghtml>. Acesso em: 15 jul. 2022.

CARVALHO, M. M. P. **Matracas que desafiam o tempo**: é o Bumba Boi do Maranhão. São Luís: [s.n.], 1995.

COMISSÃO MARANHENSE DE FOLCLORE. Editorial Festas Juninas. **Boletim Online**, São Luís, n. 5, p. 1-2, jun. 1996. Disponível em: <https://www.cmfolclore.ufma.br/arquivos/4f56733221ce61470a012f5b55f55c97.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2022.

CORREIA, C. R. **Resgate do processo histórico-cultural da Dança do Lili na cidade de Caxias- MA na década de 80 a 90**. 2006. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Centro de Estudos Superiores de Caxias, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2006.

CUNHA, P. Devoção gigante na Capela de São Pedro. **O Imparcial**, São Luís, jun. 2022. Disponível em: <https://oimparcial.com.br/entretenimento-e-cultura/2022/06/devocao-gigante-na-capela-de-sao-pedro/>. Acesso em: 6 jun. 2022.

DELGADO, A. L. M. **Só Precisa Rebolar?**: performance e dinâmica cultural no cacuriá maranhense. 2005. 170 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2005.

FONSECA, J. P. **São Marçal de Limoges**: bispo, em São Luís, aquele que encerra a festança. São Luís: Arquidiocese de São Luís, 2020. Disponível em: <https://www.arquidiocesadesaoluis.org/post/sao-marçal-de-limoges-bispo-em-são-luís-aquele-que-encerra-a-festança>. Acesso em: 23 maio 2022.



GOVERNO do Maranhão apresenta o Maior São João do Mundo para operadoras de turismo em São Paulo. **Agências de Notícias**, São Luís, maio 2023. Disponível em: <https://www.ma.gov.br/noticias/governo-do-maranhao-apresenta-o-maior-sao-joao-do-mundo-para-operadoras-de-turismo-em-sao-paulo>. Acesso em: 6 jun. 2022.

HARTMANN, L. Cacuriá: dinâmicas de uma tradição dançada. In: CONGRESSO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS, 6., Brasília, DF. **Anais [...]**. Campinas: Abrace, 2010. p. 1-5.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Igreja de São João Batista**: São Luís, MA. [S. l.: s. n.], [19--]. (Série: Acervo dos municípios brasileiros). Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=434874>. Acesso em: 6 jun. 2022.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão**: Dossiê do registro como Patrimônio Cultural do Brasil. São Luís: Iphan/MA, 2011. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_bumba_meu_boi\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_bumba_meu_boi(1).pdf). Acesso em: 27 maio 2025.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Departamento de Patrimônio Imaterial. Gerência de Registro. **Registro do Tambor de Crioula no Maranhão**: Parecer Técnico - Processo nº. 01450.005742/2007-71. Brasília, DF, 2007.

MACIEL, V. **Festas juninas devem movimentar cerca de R\$ 6 bilhões e 26,2 milhões de pessoas em 2023**. Brasília, DF, jun. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/festas-juninas-devem-movimentar-cerca-de-r-6-bilhoes-e-26-2-milhoes-de-pessoas-em-2023>. Acesso em: 6 jun. 2022.

MAGALHÃES, Maristela Rocha Almeida. Patrimônio Imaterial: o tambor de Crioula. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, Betim, v. 12, n. 1, p. 373-380, 2014.

MARANHÃO. Secretaria de Estado do Turismo. **Cultura e Festas Populares**. São Luís, [2024]. Disponível em: <https://turismo.ma.gov.br/programas-ou-campanhas/cultura-e-festas-populares>. Acesso em: 24 maio 2022.

MARANHÃO. Secretaria de Estado da Cultura. **Políticas de Estado para a Cultura: direito a ter direito à cultura 2015-2025**. São Luís, 2014. Disponível em: <https://cultura.ma.gov.br/uploads/secma/docs/PLANO-ESTADUAL-DE-CULTURA-Livro.pdf>. Acesso em: 24 maio 2022.



NASCIMENTO, D. João Batista: o profeta do deserto. **Jesus e a Bíblia.com**, [s. l.], [2022]. Disponível em: https://jesusebiblia.com/estudos-biblicos/joao-batista-o-profeta-do-deserto/#google_vignette. Acesso em: 22 maio 2024.

OBSERVATÓRIO DE TURISMO DO MARANHÃO. **Pesquisa de Demanda Turística – São João 2023**. São Luís, [2023]. Disponível em: <https://observatorio.turismo.ma.gov.br/pesquisa-de-demanda-turistica-sao-joao-2023/>. Acesso em: 20 set. 2023.

OBSERVATÓRIO ITAÚ CULTURAL. **PIB da economia da cultura e das indústrias criativas: a perspectiva das unidades federativas**. São Paulo, maio 2023. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/observatorio/paineldedados/publicacoes/boletins/pib-da-economia-da-cultura-e-das-industrias-criativas-a-perspectiva-das-unidades-federativas#:~:text=Em%20abril%2C%20o%20Ita%C3%BA%20Cultural,2%2C63%25%5B2%5D>. Acesso em: 6 jun. 2022.

PACHECO, C. M. S. Tambor de Crioula do Maranhão. **Revista Científica Ciência em Curso**, [s. l.], v. 3, n. 1, p. 69-74, 2013.

RANGEL, L. H. V. **Festas juninas, festas de São João: origens, tradições e história**. São Paulo: Publishing Solutions, 2008.

REIS, J. R. S. **Folclore Maranhense: informes**. 3. ed. São Luís, 1999.

REIS, J. R. S. **São João em São Luís: o maior atrativo turístico-cultural do Maranhão**. São Luís: Aquarela, 2003.

RIBEIRO, T. C. C. **É uma dança portuguesa com certeza? Um estudo sobre formas de pertencimentos, processos de criação e influências da dança portuguesa do Maranhão**. 2016. 240 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Arte, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2016.

ROCHA, H. P. **Tradição e modernidade nas quadrilhas juninas em Fortaleza**. 1995. 75 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Comunicação Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1995.

RODRIGUES, I. C. M. **Comunicação Oral e Cultura Popular: um olhar sobre a trajetória do Cacuriá de Dona Teté**. 2002. Monografia (Curso de Comunicação Social) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022.

S. ANTÔNIO, de Pádua, Sacerdote Franciscano e Doutor da Igreja. **Vatican News**, Vaticano, 2022. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/santo-do-dia/06/13/s-antonio-de-padua--sacerdote-franciscano-e-doutor-da-igreja.print.html>. Acesso em: 6 jun. 2022.



S. PEDRO Apóstolo, Padroeiro da Cidade de Roma. **Vatican News**, Vaticano, 2022. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/santo-do-dia/06/29/s--pedro-apostolo--padroeiro-da-cidade-de-roma.print.html>. Acesso em: 6 jun. 2022.

SILVA FILHO, M. N. R.; PONTES, L. S. Bumba meu boi do Maranhão e o discurso religioso: o boi não é só festa, meu povo. **Raído**, Dourados, v. 15, n. 37, p. 82-93, 2021. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/14664>. Acesso em: 24 maio 2022.

SILVA, A. S. M. **Um estudo sobre as transformações da quadrilha junina Explosão Nordestina (Santa Rita, PB)**. 2019. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Dança) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

SOUSA, F. A. O. **Dança do Lili: cultura popular em Caxias-MA nos anos 2000 a 2013**. 2014. 47 f. Monografia (Graduação em História) - Faculdade do Médio Parnaíba, Teresina, 2014.

TEIXEIRA, R. C. **História dos ciganos no Brasil**. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA. **A origem das festividades juninas**. Salvador, 2023. Disponível em: <https://ufrb.edu.br/bibliotecacecult/noticias/377-a-origem-das-festividades-juninas>. Acesso em: 11 abr. 2024.



O SÃO JOÃO DO MARANHÃO

Tradições das festas juninas



SEPLAN

IMESC

www.imesc.ma.gov.br